

O LIVRO DO SENHOR

Há muitas coisas que nós sabemos, e que são tão simples, tão evidentes, tão instintivas, que pensamos que toda a gente as sabe. Estas são aquelas coisas que nenhum de nós se lembra de quando foi que aprendeu, porque nunca houve, nas nossas vidas, um momento preciso em que alguém nos ensinou que era assim. São as coisas que nós, em pequeninos, aprendemos sozinhos, devagarinho, aos bocadinhos, pela simples sugestão do exemplo dos adultos. Estas coisas, que são muitas, são tantas que nunca ninguém se lembrou de contá-las, formam o alicerce fundamental da nossa cultura. E, como são fundamentais, são profundamente básicas. São de tal maneira básicas que tendemos a pensar que já nascemos a sabê-las.

Mas isto não é verdade.

O conhecimento destas coisas não nasce connosco. Se nós temos esse conhecimento, e sobretudo se o temos sem nunca precisarmos de pensar nele, é porque tivemos o enorme privilégio de nascer num

lugar onde estas coisas existem. O que nós esquecemos, e isto todos nós esquecemos vezes demais, é que, na maior parte dos lugares do mundo, estas coisas não existem. E, por isso, há muitas pessoas que não as sabem. E essas pessoas, as que não sabem estas coisas, são muitas mais do que nós, as que sabemos.

Estava um escritor famoso debruçado da varanda colonial da sua casa, rodeada de bananeiras e de pés de maracujá, e este escritor famoso estava a pensar nisto mesmo. Estava a olhar para os meninos que brincavam na rua, mesmo ali a dois passos da sua varanda. E estava a pensar que aqueles meninos, os filhos dos pobres, não sabiam muitas das coisas que os seus próprios filhos, os filhos do escritor famoso, tinham aprendido sem que ninguém lhes ensinasse. O escritor famoso estava a pensar, uma vez mais, como é abissal o fosso entre o que sabem os pobres e o que sabem os outros. Enquanto olhava para os meninos que brincavam na rua, sem brinquedos nem sapatos, o escritor famoso tentava, uma vez mais, fazer a longa lista de tudo o que nós pensamos que toda a gente sabe, porque nós temos o privilégio de poder saber, e que, no entanto, a esmagadora maioria das pessoas que vive no mundo não sabe, porque não tem nenhuma maneira de poder saber. As coisas que nós sabemos e os pobres não sabem são coisas extremamente subtis. Os alicerces fundamentais da nossa cultura são todos feitos de subtilezas extremas. Por isso, esta lista é muito difícil de fazer.

O escritor foi buscar um copo de chá gelado, para conseguir pensar melhor.

Mesmo na sombra perfumada da sua varanda, e embora estivesse a chegar a hora vermelha do pôr do sol, fazia imenso calor. Os meninos que brincavam na rua estavam todos em tronco nu, e tinham todas as costas reluzentes de suor. Já não chovia há muito tempo, e o pó das estradas fazia desenhos imprecisos sobre a pele escura deles.

Havia entre estes meninos, visitantes habituais daquela esquina mais frondosa da rua, um menino de que o escritor famoso gostava especialmente. Talvez por ser o mais magrinho e o mais feio de todos. Ou talvez por ser o que conseguia sempre apanhar as moscas em pleno voo, trancando-as na palma da mão num só gesto rápido, daqueles gestos que nós pensamos que só os gatos é que conseguem fazer. Ou talvez por ser o que vinha mais vezes sentar-se muito quietinho debaixo da varanda, sem nunca perguntar nada, sem nunca pedir nada, só pelo fascínio quieto de olhar para a vida de uma pessoa rica, uma pessoa de costas muito direitas que até à distância cheirava a sabonete, e que tinha uma casa, e uma varanda grande cheia de sombra, e de cadeiras de verga na sombra, e que aparecia sempre cá fora com uma camisa sem nódoas nem rasgões, e que tinha muitos amigos que também deviam ter umas vidas assim perfumadas e cheias de coisas, as pessoas limpas do mundo do escritor, que apareciam às vezes a fazer visitas ao escritor. O menino olhava para tudo isto,

olhava tudo o que podia olhar, e às vezes cantarolava baixinho no dialecto dos pobres, mas nunca dizia nada. Os outros meninos, assim que viam o escritor, vinham logo a correr pendurar-se na varanda a pedir coisas, qualquer coisa — não interessava o quê, porque as coisas que existiam na casa e na varanda do escritor famoso, para eles, não tinham nome.

Nesse fim de tarde, quando o escritor famoso veio debruçar-se na varanda com o chá gelado, no seu momento ritual de reflectir sobre tudo isto, o menino minúsculo não estava no meio dos outros.

Também não estava sentado em silêncio debaixo da varanda.

Se calhar tinha desaparecido.

Os pobres, às vezes, desaparecem.

O escritor famoso pensou nisto, e sentiu uma nuvenzinha de tristeza a passar-lhe pela alma.

Mas foi uma nuvem que desapareceu depressa, porque, de repente, o escritor famoso sentiu uma mão pequenina a puxar-lhe de leve pelo braço.

O menino minúsculo tinha subido para a varanda, e estava de pé ao lado dele. Tinha um livro na mão. E os olhos dele, aqueles olhos pretos que costumavam estar sempre tão quietos, agora estavam absolutamente radiantes de orgulho.

O escritor famoso olhou para o livro que o menino tinha na mão, e percebeu logo que era um dos seus livros. Novinho em folha, ainda com algumas páginas coladas umas às outras, com todo o ar de ter acabado de sair da livraria. Depois o escritor famoso re-

Morfina

15

parou que o menino minúsculo estava encharcado em suor. E, além disso, estava completamente ofegante. Era evidente que tinha vindo a correr o mais depressa que podia, debaixo do braseiro do sol vermelho. E agora, parado diante do escritor famoso com o seu livro na mão, o menino minúsculo estava enorme e triunfante. Tinha o brilho resplandecente dos heróis que acabaram de cumprir à risca as suas missões impossíveis.

— Este livro é do senhor. — disse o menino — Tem aqui o seu boneco. Eu percebi logo que era do senhor. Estava lá em baixo, numa casa grande cheia de livros. Roubaram o livro ao senhor e puseram-no lá. Mas eu vi. Já vi há muitos dias. E agora fui lá buscar sem eles verem, porque este livro é do senhor. Não é deles. Tem aqui o boneco do senhor. É do senhor. Eu salvei o seu livro, senhor.

Estava tão grande e tão vaidoso, o menino valente que tinha ido buscar o livro do senhor à casa dos ladrões. Naquele momento, seria um crime, um crime pior que qualquer outro, explicar-lhe fosse o que fosse.